Vol. 34, nº 3 (2026)

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO EM *A OUTRA PERNA DO SACI,* DE ÂNGELO MACHADO: LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL NO PROCESSO DA FRUIÇÃO DO LEITOR

***

THE CONSTRUCTION OF MEANING IN A OUTRA PERNA DO SACI BY ÂNGELO MACHADO: VERBAL AND NON-VERBAL LANGUAGE IN THE READER'S PROCESS OF AESTHETIC ENJOYMENT

Izabel da Silva Ricci[1]
Aroldo José Abreu Pinto[2]

Recebimento do Texto: 15/04/2026
Data de Aceite: 11/05/2026

Resumo: O artigo analisa a obra de Ângelo Machado *A Outra Perna do Saci* (2018) e a reconfiguração do Saci-Pererê, figura folclórica brasileira a mito do futebol nacional em tempos globalizados. Investiga-se o modo de configuração textual imagética e a habilidade do autor em criar uma narrativa folclórica-futebolística, que mexe com a imaginação do leitor, atualizando o mito por meio de uma nova "roupagem", além de colocar em debate temas socioculturais fraturantes. Utiliza-se teóricos como: Candido (1988), Faria (2004), Manguel (2001), Linden (2011), Zilberman (2003), Ramos (2005), Furnari (2012).

Palavras-chave: Ângelo Machado. Saci-Pererê. Mito. Folclore. Futebol.

Abstract: This article analyzes Ângelo Machado's work, A Outra Perna do Saci (2018), and the reconfiguration of the Saci-Pererê, a national folklore figure, into a Brazilian football myth in globalized times. The study will investigate the mode of textual-imagistic configuration and the author's ability to create a folklore-football narrative that stirs the reader's imagination, updating the myth through a new 'guise' while also debating divisive sociocultural themes. Theorists such as Candido (1988), Faria (2004), Manguel (2001), Linden (2011), Zilberman (2003), Ramos (2005), and Furnari (2012) will be utilized.

Keywords: Ângelo Machado. Saci-Pererê. Myth. Folklore. Football.

1 Introdução

Inicialmente, faz-se necessário alguns apontamentos importantes sobre a percepção de como acontece a implementação da literatura, especificamente nas séries finais do Ensino Fundamental II. Ao atuar há quase 20 anos em escolas públicas e privadas, notamos que os professores dos anos iniciais (2º ao 5º ano) fazem um grande movimento no processo de leitura, em que o estudante é motivado a engajar-se na leitura de forma imaginativa,

[1] Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: izabel.ricci@unemat.br
[2] Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP-Assis. Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: aroldoabreu@unemat.br

cooperativa, respondendo à altura e tornando-se coautor do texto que explora, cumprindo o que afirma Zilberman (2003, p. 16): “A sala de aula é lugar da criação de um vínculo com a leitura, pela inserção do aluno na tradição do conhecimento”.

Apesar de inúmeras teorias afirmarem isso, há um problema visível aos profissionais da educação que, ao nosso ver, não pode mais ser ignorado. Após a transição do estudante do 5º Ano do Ensino Fundamental I para o 6º Ano do Ensino Fundamental II ocorre uma ruptura drástica com os modos de ler do alunado. Apesar de o número de professores aumentar significativamente a partir do 6º ano, a implementação da leitura da literatura se mostra “tímida”, senão ausente, em alguns casos nessas turmas de “calouros” do 6º ano. Não estamos de forma alguma culpabilizando o professor, pois os motivos do fracasso da leitura no Brasil são históricos e devem-se a diversos fatores políticos, sociais e culturais.

É interessante problematizar esse assunto para suscitar discussões e trabalhos que possam buscar respostas para questionamentos como; por qual motivo acontece uma suposta ruptura com a leitura de textos literários a partir dos 6º anos em grande parte das escolas, se o espaço propício é a escola? Nas palavras de Zilberman (2003, p. 16),” a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade”. Nessa citação, a autora argumenta que a literatura precisa ser o ponto de partida para sair do fracasso leitor-brasileiro e que a imposição deve ser transformada em experiência vital e enriquecedora para o aluno.

Além disso, um dos fatores para o revés do hábito de ler pode ter relação com o que se discorre a seguir. Uma pesquisa a nível nacional sobre o número de bibliotecas no Brasil, divulgada em 05 de junho de 2024, elaborado pela Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (Atricon), denunciam que 52% das escolas públicas não possuem bibliotecas ou salas de leitura (TCE-RO, 2024). Essa pesquisa reafirma uma “suposta” indisposição política para sanar o problema, mas o sociólogo Antonio Candido, na obra *O direito à Literatura* (1988) já havia detectado tal descaso: “Inversamente, um traço sinistro do nosso tempo é saber que é possível a solução de tantos problemas e, no entanto, não se empenhar nela” (Candido, 1988, p. 172).

A partir da discussão de Candido (1988), percebe-se críticas à falta de empenho individual e coletivo dos sujeitos, o que sugere um desvio do moral na sociedade. Ao se

referir ao "traço sinistro", não atribui apenas a razões lógicas, mas, sim, às instituições, aos grupos que recebem a incumbência de tomar a decisão e enxergar às necessidades dos sujeitos sociais e não o fazem, tornando-se um círculo vicioso do sistema, em especial, o político. Quer dizer, a sociedade elege representantes políticos e confere-lhes poder para que tomem decisões e proponham projetos voltados às necessidades do povo, em tese. Entretanto, o sistema permanece preso a um ciclo vicioso, o que Candido (1988) chama de "traço sinistro", caracterizado pelo baixo empenho empregado no enfrentamento e na atenção aos conflitos sociais. Esse interesse, por sua vez, ressurge e ganha espaço, sobretudo, durante os períodos de campanha eleitoral.

Evidentemente, mesmo a importância da literatura sendo conhecida pela maioria daqueles que estão no topo das instituições, sua implementação parece ter sido renunciada em prol de conteúdos obrigatórios em sistema de apostilamento, em que o aluno tem contato apenas com a literatura entrecortada. Isso posto, lembramos que no art. 214, inciso III, da Constituição Federal (CF) de 1988, é apresentada a necessidade da garantia da "melhoria da qualidade do ensino" (Brasil, 1988).

Além disso, o art.3º, inciso IX, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) reitera e prevê: "garantia de padrão de qualidade" (Brasil, 1996). Não poderia ser de outro modo com o Estado de Mato Grosso, o Plano Estadual de Educação (PNE) traz na META 7: "Fomentar a qualidade da educação básica em 100% (cem por cento) das unidades de ensino do sistema estadual de educação, com foco na melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem durante a vigência do Plano" (Mato Grosso, 2021).

Em contraste, surgem vários questionamentos, um deles diz respeito às Leis brasileiras (CF, LDB e PNE) citadas acima. Se a legislação direciona para o alcance das metas educacionais; para a garantia e a melhoria da qualidade do ensino e a formação humanística e cultural da juventude, como é possível alcançar esses objetivos sem o devido investimento, para o desenvolvimento e o fomento da leitura do texto literário no ambiente escolar, considerando que a leitura é fundamental para o aprimoramento dessas áreas?

Criticamente, não basta simples resposta, tampouco se pretende oferecê-la. Busca-se, assim, relacionar a falta de disposição política, que Candido (1988) denomina "traço sinistro", aos resultados da pesquisa da Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil, que identificou que mais da metade das escolas públicas brasileiras não possui

biblioteca. Se a educação fosse, de fato, uma prioridade, certamente não haveria tal deficiência de espaços destinados à leitura.

Para finalizar, a obra *A outra perna do Saci*, de Ângelo Machado (2018), compôs a política de um dos "maiores programas de distribuição de livros do mundo", o Plano Nacional de Livro Didático (PNLD) literário em 2018, sob responsabilidade do Ministério da Educação (MEC). Outrossim, o livro pode ser instrumento possível de êxito na implementação da leitura literária na escola. Todavia, para que isso se concretize, é necessário que a obra chegue às escolas e que os estudantes tenham garantido o direito de ler em um espaço propício, aconchegante e climatizado. Não se pode normalizar a leitura realizada embaixo de uma árvore ou sentado no chão, tampouco a ausência de opções para que os estudantes possam escolher o que ler.

2 "O senhor das Libélulas": a Biologia na prosa como expressão literária-científica em Ângelo Machado

O codinome "O senhor das Libélulas" refere-se a Ângelo Barbosa Monteiro Machado, sendo a obra *A outra perna do Saci* (2018) nosso objeto de análise neste artigo. Machado foi uma figura central no ambientalismo de Minas Gerais e no Brasil. Como zoólogo e militante ambientalista, ele desempenhou um papel social e científico crucial na disseminação das ideias conservacionistas. Mais notavelmente, sua atuação foi decisiva para a formalização das preocupações com a conservação da biodiversidade, tanto em Minas Gerais quanto em nível nacional, em especial por sua aptidão e competência em libélulas e por ser autor do clássico universitário *Neuroanatomia Funcional*. Paralelamente à sua robusta carreira científica, Machado consolidou-se como um dos principais escritores do ambientalismo de Minas Gerais e do Brasil.

O site da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)[3] traz informações sobre Machado. Em 1958, ele concluiu a Graduação em Medicina, mas não chegou a atuar como médico, dedicando-se à pesquisa na área de neurobiologia, sendo lhe conferido o título de doutor em Medicina em 1963 pela mesma universidade e, entre 1965 e 1967 cursou pós-doutorado, em Chicago, nos Estados Unidos da América (EUA) na *Northwestern University.*

[3] Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/angelo-machado. Acesso em: 27 out. 2025.

Mais tarde, ao regressar ao Brasil optou pela vida acadêmica. Em 1987, aposentou-se como professor titular de Neuroanatomia e novamente prestou concurso público para a docência, como professor adjunto de Entomologia. Foi nessa época que iniciou suas criações literárias infantis e chegou a ser membro da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira n.º 26.

Como escritor ganhou o Prêmio Jabuti em 1993 na categoria de Literatura Infantil, com o livro *O velho da montanha: uma aventura amazônica* (1992). Foi honrado com a Medalha Mendes Pimentel em 2017 e homenageado como professor emérito da UFMG. Portanto, Machado, além de se destacar no campo científico fez e faz a diferença no âmbito literário. Sobretudo, a produção infantojuvenil é bastante prolífica e deixa sua marca, por sua grande motivação, qual seja a busca constante em adaptar e popularizar o conhecimento científico nas obras para crianças e adolescentes, totalizando 37 livros para esse público. Machado também escreveu livros para adultos, cita-se *Manual de sobrevivência em festas e recepções com bufê escasso* (1998) e *Os fugitivos da esquadra de Cabral* (2000).

3 A figura do Saci- Pererê: uma perspectiva folclórica moderna verbal e não verbal

A novela de Machado contém nove capítulos, distribuídos em 91 páginas, contando com um glossário dos mitos do folclore brasileiro ao final da narrativa. Computa 19 ilustrações de autoria de Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues e Thalma de Oliveira Rodrigues. Os ilustradores conseguem estimular a visualização mental e instigar a curiosidade com a mistura de cores vibrantes.

Historicamente, a lenda parece ter surgido no sul do Brasil, entre os povos originários, onde o personagem (Saci) era retratado como um garoto indígena com uma cauda. Posteriormente, a figura mitológica do Saci-Pererê sofreu notáveis transformações em sua aparência e características, devido à influência de elementos das culturas africana e europeia. Nessa nova concepção, o personagem é redefinido como um menino negro de uma perna só, com adereços; a carapuça vermelha e o cachimbo, elementos que consolidaram sua imagem atual no imaginário popular.

Para melhor situar o leitor, detemo-nos aos elementos da constituição narrativa, inicialmente, o texto escrito e algumas ilustrações. A trama traz um enredo linear, em que a

princípio há uma situação de equilíbrio (O Saci em suas andanças e traquinagens encontra João, o filho do fazendeiro machucado, presta socorro, inicia uma amizade entre os dois e finaliza essa etapa com a ida do Saci ao médico, que lhe fez uma prótese).

Em seguida surgem eventos que quebram o equilíbrio encaminhando-se ao conflito, (o descontentamento do Saci em descobrir que a prótese que ganhara prejudicava seu equilíbrio para fazer gols, deslancha com os amigos afastando-se dele e ainda a expulsão do Saci da casa da mãe, por envergonhar a família querendo ter duas pernas). Mais adiante, surge uma ação ou reação para resolver o conflito (O Saci cansado das piadinhas, de ser ignorado e de ficar no banco de reserva, decide se livrar da prótese). Por fim, consolado pelo amigo João em meio a brincadeiras no quintal, o Saci salta tentando alcançar as mangas e os amigos descobrem sua habilidade de saltar e possivelmente de pegar as bolas no gol. Percebem, ainda, que o sonho pode depender apenas da posição dele em campo.

Interessante notar que Machado constrói uma narrativa calcada na polissemia cunhada por Roland Barthes (1990), uma vez que tanto o texto quanto as imagens estão imbuídos de infinitos significados e abrem margem para diferentes interpretações. Conforme afirma Barthes (1990, p. 32): "[...] toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente a seus significantes, uma "cadeia flutuante" de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros. A polissemia leva a uma interrogação sobre o sentido[...]".

Além do diálogo entre as linguagens verbal e não verbal, a obra *A outra perna do Saci* articula o aspecto científico, o universo lúdico do folclore e a paixão nacional pelo futebol. Entretanto, esse hibridismo não implica necessariamente facilidades, pois as escolhas estéticas podem exigir do leitor a capacidade de navegar por diferentes camadas de sentido. Nesse processo, a obra de Machado cumpre um papel importante ao romper e expandir o horizonte de expectativas do jovem leitor.

Acima de tudo, a polissemia tem o potencial de provocar diferentes reações no leitor, como sensação de incômodo, de satisfação e/ou de completude, ao mesmo tempo em que possibilita a construção de conhecimentos. Tal afirmação parte da pressuposição de que, no decorrer da leitura da narrativa, o receptor pode rememorar histórias míticas ouvidas na infância, seja no convívio familiar, seja no ambiente escolar. No que se refere à escola, observa-se que, com a progressão de uma série para outra, a busca pelo cumprimento do currículo pode contribuir para o enfraquecimento do vínculo do estudante com a cultura

popular, mesmo diante do reconhecimento de que a literatura possibilita o contato com diferentes modos de ver, ser e viver no mundo.

4 Do Visível ao Imaginário: A Ilustração como Linguagem e o Processo de Humanização em *A outra perna do Saci*

Inicialmente, vale chamar a atenção para o título, que antecipa quem será o protagonista e ainda um possível tema à frente, além de desorientar a leitura da imagem, visto que nela o Saci aparece apenas com uma perna. Outra questão a se observar é o nome do Saci estar grafado na cor vermelha, colocando em evidência sua atuação na trama.

Além disso, o título deixa margem para diversas conjecturas, por exemplo: como seria um Saci com duas pernas? De que modo seria essa outra perna do Saci? Esses desdobramentos do pensamento suscitam reflexões e estimulam a capacidade fabuladora, a curiosidade e podem causar um certo estranhamento, pois, o título anuncia algo, mas a imagem não contempla.

Inegável que a capa (Figura 1) é o ingresso ou não, do leitor para o interior do livro, e, em *A outra perna do Saci* os ilustradores exploraram a perspectiva do leitor.

Figura 1 - Capa e quarta capa em movimento centrífuga:



Fonte: Machado (2018)

Na ilustração da capa, da quarta capa e na lombada, técnica que concebe amplitude para o olhar atento do observador. Da esquerda para a direita tem-se grandes folhas de árvores viçosas, onde está o Curupira à espreita do Saci, que está do lado contrário. Acredita-

se que os dois personagens, Saci e Curupira, foram escolhidos para abrir a obra por serem figuras emblemáticas do folclore e defensores da floresta. Cada um ao seu modo; o Curupira age pela intimidação e fúria e o Saci age com espírito brincalhão, com astúcia e humor. Ambos simbolizam resistência e força em defesa do seu espaço.

Na mesma visão analisamos a capa, um dos elementos paratextuais de bastante significância e as imagens nela contidas. Na concepção gráfica, o nome do autor foi grafado em fonte média no topo da capa, acima do título com fonte bem maior e em duas cores. A referência aos ilustradores encontra-se no meio da capa, do lado direito, o selo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o código do livro estão abaixo do nome dos ilustradores. A capa "[...] é a embalagem do livro e tem como função apresentar o leitor ao objeto de leitura, seduzindo-o para voltar o seu olhar a esse objeto" (Ramos; Panozzo, 2005 *apud* Ramos; Nunes, 2013, p. 255).

O olhar atento do observador ganha amplitude na ilustração da capa, da quarta capa e na lombada. Observa-se da esquerda para a direita grandes folhas de árvores viçosas, onde está o Curupira à espreita do Saci, quem está do lado contrário, ambos simbolizam resistência e força em defesa do seu espaço. Além da figura do Saci, há uma bola em suas mãos, elementos representativos: o Saci, que representa a antiguidade, o folclore, e a bola o mundo globalizado, a atualidade. Isto é, esses elementos exprimem a realidade e o imaginário e, a união de dois mundos, duas realidades que se entrecruzam pela força da amizade entre João Paulo e o Saci, quebrando paradigmas.

Em toda a obra, as imagens e o texto escrito dividem, por vezes, o mesmo espaço e complementam-se, atuando como um fôlego para o leitor, como afirma Faria (2004, p. 42):

> [...] nos livros em que o texto é o elemento principal da narrativa, e portanto, longo, a imagem leva ao arejamento da página, a um descanso do texto escrito, que sempre obriga a um esforço maior de leitura, auxiliando o leitor a continuá-la pelos caminhos mais suaves da imagem. Ela geralmente capta uma cena importante da história e tem o sentido lato de ilustração.

Segundo Faria (2004), as imagens em uma obra trazem "importantes elementos descritivos", que abarcam significações importantes para o texto escrito, que se fossem inseridos na escrita o deixariam "longo e pesado". Estando, portanto, particularizadas na ilustração, a descrição torna-se menos problemática por meio da "leitura circular da imagem e sua assimilação instintiva" (Faria, 2004, p. 42).

Adentrando as páginas do livro, as imagens que abrem a primeira cena na página nove, do 1º capítulo intitulado "A perna quebrada", condensam várias informações por meio de elementos de "hipersignificação". Eles se apresentam como antecipação, revelação e complemento do ambiente rural com referência a sede de uma fazenda, onde o Saci passou. Isto é, a imagem e o texto escrito são aliados dividindo a página. Nelas revelam-se o ambiente e as ações. Assomam-se ao cenário, um elemento que parece estar em movimento, um "elemento dinâmico" conhecido no folclore como redemoinho, criado a partir da velocidade do deslocamento. Ele é apresentado na cor branca com leves pinceladas de cinza, buscando intensificar o efeito de movimento no ar. De acordo com a liberdade conferida aos ilustradores, segundo Faria (2004, p. 55),

> Diante da tela em branco, o pintor tem a liberdade de colocar todos os elementos que lhe pareçam necessários para melhor expressar seu tema, oferecendo a ilusão de movimento e de ação dos personagens podendo ainda hipersignificar esses elementos, para proporcionar mais força ao conjunto ou aos detalhes.

Faria (2004) expõe que o pintor (o ilustrador) tem total liberdade de escolha dos elementos, das cores, dos traços, da medida, do corte, da perspectiva e, em cada tela em branco transforma cenas cotidianas em histórias pujantes, uma vez que, consegue dar vida aos seus pensamentos, transformando-se, portanto, em um criador de elos, de mundos e, porque não pressupormos, de destinos. Outrossim, não passam despercebidos um ovo quebrado, como se fosse a "arma do crime" deixada pelo Saci, a lua cheia e o céu escuro, elementos que instauram um clima de suspense e medo e contribuem, sobremaneira para provocar a ativação do universo simbólico do receptor.

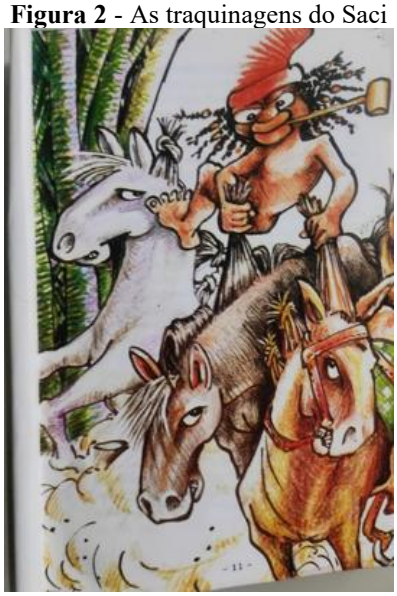
Continuando a leitura, o leitor encontrará na imagem seguinte as trapalhadas do Saci, na página 11. Tal ilustração auxilia e complementa as ações narradas anteriormente a respeito do protagonista: "Deu um assovio e, com um salto espetacular, pulou em pé nas costas de um alazão. Assustado, o cavalo começou a correr como um doido [...]. Enquanto corria, o Saci ia dando nós na crina e na cauda dos animais" (Machado, 2018, p. 10).

Na perspectiva de Linden (2011), as imagens são um tipo de linguagem, que significam mesmo quando não há a presença de texto escrito, visto que têm poder narrativo e interpretativo. A autora recusa a função relegada a ilustração de ser meramente como apoio visual, afirmando que elas são uma linguagem em si e contam e não apenas mostram. Elas têm um papel tão importante, pois podem adicionar e destacar detalhes, estabelecer a aura

de uma cena e desenvolver um elo emocional do leitor com a narrativa (Linden, 2011). Na mesma perspectiva de Linden (2011), Eva Furnari (2012, p. 49) reafirma o valor imensurável da ilustração enquanto linguagem, ela "[...] tem o incrível potencial de narrar, exprimir, emocionar e até alterar um estado de espírito".

Após citados os autores defensores da ilustração como linguagem, passamos a análise da imagem da página 11, que expõe as traquinagens do Saci (Figura 2).

Figura 2 - As traquinagens do Saci



Fonte: Machado (2018)

Observa-se que imagem ocupa toda a página e foi inserida no meio do capítulo como complemento imaginativo. Nela, o leitor encontrará uma cena bem-humorada, que expõe com detalhes como se dava às investidas do Saci com os animais. Percebe-se no primeiro e no segundo plano dois cavalos, e o último cavalo em terceiro plano juntamente com a imagem do Saci. A imagem parece indicar momentos de pânico, em que, entre pulos e relinchos os animais tentam se livrar de tal infortúnio, interpretação sugerida pela boca dos cavalos, entreabertas e dentes à mostra, pela poeira, pela inquietação das cabeças e pela posição dos olhos. Essa ação marca o início do segundo capítulo, que trata do dia que Saci encontrou e socorreu João Paulo, levando-o para a fazenda de seus pais. Em se tratando de ler ilustrações nos livros literários, Alberto Manguel (2001, p. 27) salienta: "Quando lemos imagens [...] atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. [...] conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável".

O teórico assegura que ao olharmos para as ilustrações de uma obra literária, não vemos apenas desenhos bonitos e coloridos; somos convidados a aprofundar o olhar, ter o mesmo cuidado e a mesma atenção que damos ao texto escrito, porque, às vezes, elas contam sua própria história. Ele ressalta que um texto literário criado da união entre texto e imagem pode ser capaz de oferecer experiências únicas e heterogêneas, pois segundo o autor "cada pessoa lê a imagem de um jeito". Nesse aspecto, cada interpretação se torna pessoal e única. Desta feita, uma mesma ilustração pode suscitar significações distintas dependendo, também, do conhecimento de mundo do leitor, das vivências e de suas perspectivas.

Por isso, considera-se urgente a implementação de leitura literária nas escolas, porque a concepção de mundo do leitor juvenil está em formação. Sob essa ótica, para que a literatura faça sentido, não basta apenas decodificar o texto e as imagens; é necessário que, por meio da prática progressiva da leitura literária, a mente do leitor/aluno se abra a novas possibilidades e acenda a chama da imaginação pelas "imagens capturadas cujo significado varia constantemente, [...] por meio das quais tentamos abarcar e compreender nossa própria existência" (Manguel, 2001, p. 21). Dessa forma, compreender nossa própria existência significa entender o outro e as diferenças que se apresentam. Portanto, a urgência da literatura ultrapassa o caráter "pedagogizante" e converge para a perspectiva de humanização proposta por Antonio Candido (1988, p. 184): "Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo [...]".

A discussão de Candido (1988) coloca a literatura como um sustentáculo da humanização. Humanizar, para o teórico, significa crescer como pessoa; desenvolver qualidades que nos permitam ser cada vez mais humanos, como desenvolver a alteridade, que é o reconhecimento e o respeito às diferenças entre os seres e percebê-lo como ser singular a subjetivo. Assim sendo, a literatura, segundo o sociólogo pode "atuar de modo subconsciente e inconsciente [...] e as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar" (Candido, 1988, p. 4).

3 Por fim, síntese e proposições

A partir das análises realizadas, percebemos que a novela *A outra perna do Saci*, de Ângelo Machado (2018), não constitui apenas uma forma de entretenimento, mas também uma possibilidade de aquisição de conhecimento por meio da reflexão. Nessa perspectiva, o Saci é transportado de seu habitat natural, rural, folclórico, para um mundo moderno e tecnológico, no encalço de um sonho. Metaforicamente, essa trajetória representa a busca pela aceitação, pela integração e pelo pertencimento à história do futebol e a determinado lugar, com o propósito de se tornar um mito do futebol da/na televisão.

Outro fator importante na abordagem da trama refere-se ao letramento literário aliado ao letramento crítico e humanizador. Nesse contexto, a obra atua no subconsciente do leitor por meio do texto escrito, das imagens, que complementam as palavras, e das ações das personagens, viabilizando o desenvolvimento de um pensamento crítico, reflexivo e consciente acerca das diferenças individuais. Além disso, a produção literária contemporânea evidencia o empenho e a dedicação de inúmeros autores a essa tarefa, resultando em obras que aliam narrativa e composição visual de maneira intrínseca. Desse modo, a primazia da imagem sobre a palavra escrita demonstra uma estratégia narrativa que privilegia a interpretação visual, contribuindo para elucidar os contrastes e as tensões presentes na trama, bem como para facilitar sua compreensão.

Portanto, a obra *A outra perna do Saci* mostrou-se um instrumento paradidático eficiente para a implementação da leitura do texto literário infantojuvenil, visto que essa experiência pode promover a humanização do sujeito leitor ao utilizar figuras míticas consagradas pelo imaginário popular de maneira fluída, leve e em tom brincalhão, mantendo o leitor ativo. Além disso, a obra coloca em voga as mazelas individuais e sociais contemporâneas inerentes ao ser humano, ao transitar por assuntos sensíveis.

Referências

BARTHES, R. **A retórica da imagem**. *In*: BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**: ensaios sobre fotografia, cinema, teatro e música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 27-43.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 6 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.

CANDIDO, A. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1988. p. 169-191.

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

FURNARI, E. **Tartufo**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

LINDEN, S. V. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MACHADO, Â. **A outra perna do saci**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bom de Ler, 2018.

MANGUEL, A. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MATO GROSSO. **Lei nº 11.422, de 14 de junho de 2021**. Institui o Plano Estadual de Educação e dá outras providências. Plano Estadual de Educação de Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

RAMOS, F. B.; PANOZZO, N. S. P. Acesso a embalagem do livro infantil. **Perspectiva**, [*S. l.*], v. 23, n. 1, p. 115-130, 2005. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9734/8962. Acesso em: 11 set. 2025.

TCE-RO. **Relatório revela ausência de bibliotecas em mais da metade das escolas públicas brasileiras**. 5 jun. 2024. Disponível em: https://tcero.tc.br/2024/06/05/relatorio-revela-ausencia-de-bibliotecas-em-mais-da-metade-das-escolas-publicas-brasileiras/. Acesso em: 15 set. 2025.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola.** 11. ed. São Paulo: Global, 2003.